

**Os conflitos doutrinários nos domínios luso-holandeses orientais e a elaboração da primeira tradução da Bíblia em língua portuguesa: por uma perspectiva histórico-religiosa (1642-1694)**

Luis Henrique Menezes Fernandes (FFLCH-USP)  
Pesquisa financiada pela FAPESP

Ao longo da segunda metade do século XVII, foram publicadas em Batávia (atual Jacarta, capital da Indonésia) – antiga sede administrativa da Companhia Holandesa das Índias Orientais – algumas edições de um panfleto em língua portuguesa, que levava o seguinte título: *Diferença d'a Christandade, em que claramente se manifesta a grande desconformidade entre a verdadeira e antiga doutrina de Deus e a falsa e nova d'os homens*.<sup>1</sup> Esse “livrinho”, carregado de veementes ataques ao papado romano, materializava-se enquanto representação literária exemplar dos permanentes embates doutrinários travados entre católicos e protestantes, desde o alvorecer da Idade Moderna, na Europa Ocidental e, posteriormente, nos seus domínios ultramarinos. Assim, esse escrito polemista, publicado numa conjuntura de expansão do Império Holandês no Oriente – graças às repetidas investidas perpetradas desde princípios do século XVII contra as possessões portuguesas –, consistia num eloquente discurso apologético da Reforma protestante, elaborado em direta oposição à ortodoxia doutrinária católica, firmada e reafirmada no Concílio de Trento (1545-1563).

O fato, à primeira vista curioso, de haver sido publicado em língua portuguesa, apesar de impresso em território holandês no Oriente, se justifica, em primeiro lugar, pela importância global adquirida por esse idioma nas chamadas “Índias Orientais”, mesmo em um período em que Portugal perdia a primazia diante da abrupta ascensão dos holandeses (os quais, por vezes, obstinadamente, tentaram, sempre em vão, extinguir a língua portuguesa de seus domínios coloniais).<sup>2</sup> Além disso, o panfleto apologético da Reforma fora traduzido, anotado e impresso sob os auspícios de um até então desconhecido calvinista português – João Ferreira A. d'Almeida (1628-1691) –, ministro pregador da Igreja Reformada Holandesa da comunidade de língua portuguesa em Batávia, na ilha de Java. O seu

nome, porém, permaneceria inexoravelmente associado ao pioneiro trabalho de tradução das Escrituras Sagradas do cristianismo para a língua portuguesa.<sup>3</sup>

Em 1681, viu o primeiro fruto do seu trabalho como tradutor das Escrituras sair à luz, com a publicação, em Amsterdam, do primeiro Novo Testamento completo em língua portuguesa.<sup>4</sup> No ano em que faleceu, havia traduzido quase a totalidade dos escritos veterotestamentários, mas deixou o trabalho inacabado até os versículos finais das profecias de Ezequiel. A tradução dos demais livros do Velho Testamento foi finalizada em 1694 por outro ministro da Igreja Reformada Holandesa, companheiro de Almeida na comunidade de língua portuguesa de Batávia: o holandês Jacob op den Akker. Entretanto, a tradução completa do Velho Testamento foi publicada pela primeira vez somente em 1748 e 1753, em dois tomos, na imprensa tipográfica de Batávia.

Além da tradução da maior parte da Bíblia e da publicação do tratado sobre a *Diferença d'a Christandade*, João Ferreira de Almeida também produziu, ao longo de sua vida, várias outras obras, a maioria delas de caráter catequético/apologético do protestantismo. Em 1650, traduziu para a língua portuguesa o *Catecismo de Heidelberg* e a *Liturgia* da Igreja Reformada. Na mesma década, revisou a tradução portuguesa de *As fábulas de Esopo*, impressa somente em 1672. Ainda neste mesmo ano, publicou um conjunto de escritos polemistas, composto de duas longas epístolas e vinte propostas contra a Igreja Católica, dirigidas estas últimas “a todos os eclesiásticos do Reino e Senhorios de Portugal”. No ano seguinte, publicou a tradução holandesa do tratado *Diferença d'a Christandade*, com o título *Onderscheydt der Christenheydt*. Por fim, escreveu também um apêndice ao texto *Diferença d'a Christandade*, reafirmando sua convicção de que somente a Igreja Católica “*muda, transtorna, corrompe e falsifica os fundamentos da doutrina cristã*”.

Em todos os seus escritos apologéticos, João Ferreira de Almeida busca refutar, com base em sua própria tradução das Escrituras Sagradas em língua portuguesa, os dogmas centrais do catolicismo pós-tridentino, citando para isso com frequência o próprio Catecismo Romano – produzido por ordem do Concílio de Trento e publicado pela primeira vez na Itália em 1566 –, bem como outros textos catequéticos dele derivados, especialmente a *Doutrina Cristã* do jesuíta Marcos

Jorge, a *Declaração Copiosa da Doutrina Cristã* do jesuíta italiano Roberto Bellarmino e o *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais* do frei dominicano Bartolomeu dos Mártires, todos de grande circulação em Portugal e em suas colônias ultramarinas. Desse modo, embora tenha passado a maior parte de sua vida nos domínios holandeses orientais, pugnou pela propagação da doutrina reformada em Portugal e em suas conquistas ultramarinas, seja através da divulgação das Escrituras em língua vulgar, seja por meio da publicação de seus escritos apologéticos da Reforma protestante.

Diante dessa conjuntura de fortes ataques à ortodoxia doutrinária da Igreja Romana, três clérigos regulares católicos, missionários no Oriente, se levantaram decididamente contra o discurso agressivo e as doutrinas heterodoxas do calvinista português. Primeiramente, o frade agostiniano Jerônimo da Siqueira, também português, publicou em 1670, em Bengala, uma *Carta apologética em defesa da religião católica romana contra João Ferreira de Almeida*, na qual apresentou muitos ataques ao herege “*predicante da seita calvinista*”, denunciando não somente a deformidade de sua doutrina, mas também de seu caráter.<sup>5</sup> Neste mesmo período, houve contendas teológicas envolvendo João Ferreira de Almeida e outro clérigo católico: o belga Jean-Baptiste Maldonado, missionário da Companhia de Jesus, que passou por Batávia no ano de 1667. A partir deste choque teológico-doutrinário, foi publicada uma extensa obra literária, organizada em forma de diálogo, intitulada *Diálogo Rústico e Pastoril entre o cura de uma aldeia e um pastor de ovelhas*, cuja autoria é tradicionalmente atribuída ao missionário jesuíta.

Da mesma forma, embora já num período subsequente, o italiano Giovan Battista Morelli, missionário apostólico da Ordem de São Francisco, escreveu no ano de 1708, em São Tomé de Meliapor (antiga possessão lusitana situada na costa do Coromandel, sudeste da Índia), a obra *Luzeiro Evangélico, que mostra a todos os cristãos das Índias Orientais o caminho único, seguro e certo da reta fé, para chegarem ao porto da salvação eterna*. Produzido especificamente para contradizer as publicações portuguesas apologéticas da Reforma protestante que circulavam abundantemente nas Índias Orientais, o autor do *Luzeiro Evangélico*, escrevendo também em português, cita repetidas vezes o tradutor calvinista e algumas de suas

obras (inclusive sua tradução pioneira do Novo Testamento), reprovando-as todas com grande veemência, com base na ortodoxia católica romana pós-tridentina.<sup>6</sup>

Assim, supomos que somente a partir de uma análise acurada das obras polemistas, apologéticas e catequéticas mencionadas, relativas ao embate teológico subjacente ao processo de elaboração da primeira versão regular Bíblia em língua portuguesa, será possível compreender historicamente, de fato, o significado histórico-religioso deste singular processo de tradução. A bibliografia existente sobre o surgimento da primeira Bíblia em língua portuguesa privilegia, de modo geral, a singular trajetória individual de seu principal tradutor – João Ferreira de Almeida –, com ênfase nas dificuldades circunstanciais por ele encontradas na consumação desse trabalho. Portanto, sendo essa bibliografia de caráter essencialmente biográfico, os seus expoentes acabaram deixando em segundo plano as fontes primárias relativas ao embate religioso correspondente ao processo de tradução.

Os poucos estudos existentes sobre o assunto podem ser, assim, organizados a partir de duas vertentes principais. Primeiramente, encontra-se a literatura de tendência confessional, que visa enaltecer o calvinista português por seu pioneirismo no trabalho de tradução e divulgação do texto bíblico em língua portuguesa.<sup>7</sup> Além destes, há também as pesquisas que procuram elencar sistematicamente as inúmeras edições da tradução bíblica de João Ferreira de Almeida, publicadas ao longo dos últimos quatro séculos. Nestes casos, os seus autores geralmente apresentam também um detalhado levantamento das fontes relativas ao contexto de elaboração da Bíblia de Almeida, sem tecer, contudo, uma análise histórica crítica e aprofundada das mesmas.<sup>8</sup>

Fora do mundo lusófono, um único autor se especializou no assunto: o holandês Jan Lodewig Swellengrebel. Este pesquisador, embora tenha sido uma das maiores autoridades no tema, também não analisou em profundidade as muitas fontes primárias disponíveis, mas esforçou-se principalmente para produzir uma biografia linear e pormenorizada sobre o tradutor calvinista João Ferreira de Almeida, objetivando acima de tudo desvendar os mistérios ainda existentes sobre sua trajetória.<sup>9</sup>

Logo, é notável que a bibliografia produzida especificamente sobre o contexto de tradução das Escrituras Sagradas em língua portuguesa carece de uma maior profundidade analítica e de uma mais densa problematização histórica. Essa “defasagem” historiográfica – diante das ricas fontes primárias disponíveis – decorre, primeiramente, do fato de não haver sido dada a devida ênfase à relação intrínseca existente entre o processo histórico de elaboração da primeira tradução da Bíblia em português e os conflitos doutrinários católico-calvinistas a ele subjacentes, manifestos abundantemente nos diversos escritos polemistas vinculados diretamente ao ambiente da tradução. Além desse aspecto evidente – ou melhor, como decorrência dele –, a historiografia acabou não analisando com a atenção necessária as diversas fontes relacionadas ao tema, todas indispensáveis ao seu satisfatório entendimento histórico.

Diante do exposto, supomos que a formação da primeira tradução da Bíblia em língua portuguesa, em sua singularidade e importância histórica, não poderá ser satisfatoriamente compreendida se não forem analisados rigorosamente os diversos escritos polemistas relacionados diretamente ao contexto de sua elaboração (os quais, como já apontamos, permanecem apenas superficialmente explorados pela bibliografia especializada). Neste sentido, visando uma compreensão histórica aprofundada da tradução bíblica de João Ferreira de Almeida no Oriente seiscentista, torna-se indispensável realizar análise minuciosa dos conflitos católico-calvinistas subjacentes ao processo de sua elaboração, com especial ênfase nas suas particularidades relativas ao ambiente histórico singular em que foram produzidas.

A documentação relativa ao contexto de elaboração da primeira Bíblia em língua portuguesa, apresentada sucintamente acima, demonstra que este trabalho de tradução, iniciado por João Ferreira de Almeida nas Índias Orientais a partir do ano de 1642, não se resume a um esforço meramente literário de divulgação das Escrituras judaico-cristãs em língua vulgar, mas é, sobretudo, parte integrante de toda uma postura religiosa, espiritual e missiológica diante do mundo de sua época, destinada especialmente (mas não exclusivamente) à sociedade portuguesa católica do século XVII. Pode-se apreender isso pela leitura do prefácio escrito pelo

próprio João Ferreira de Almeida, em 1668, à sua tradução do tratado *Diferença da Christandade*. Nesse prólogo, intitulado “*ao discreto leitor*”, Almeida dirige-se explicitamente:

A todos os senhores católicos romanos da nação portuguesa, de qualquer estado, qualidade e condição que sejam, com todos os demais que da língua portuguesa usam, e juntamente deveras desejam e procuram sua salvação.<sup>10</sup>

Nesse mesmo prefácio, podemos encontrar grande parte das informações sobre a passagem de João Ferreira de Almeida à Igreja Reformada Holandesa, em 1642, justamente a partir da leitura desse folheto escrito originalmente em língua castelhana, cuja autoria original tem gerado dúvidas e hipóteses entre os especialistas supracitados. O propósito de tradução desse “livrinho” em língua portuguesa seria possibilitar, segundo João Ferreira de Almeida, a “*conversão e salvação dos que outra nenhuma língua sabem, senão a portuguesa*”, enquanto não houvesse tradução das próprias Escrituras Sagradas nesse idioma.<sup>11</sup> Assim, portanto, os esforços de Almeida na divulgação da doutrina da Igreja Reformada em língua portuguesa – esforço este que engloba todo o seu trabalho de tradução das Escrituras – se destinava, como vimos, não somente ao Reino de Portugal, mas também às populações de língua portuguesa que habitavam as Índias Orientais naquele período, especialmente os fiéis católicos romanos. Neste mesmo prefácio, o tradutor português apresenta sua indignação diante da situação do Reino de Portugal em relação a essa matéria:

Que seja possível que não haja já hoje, em toda a nossa Europa, a mínima nação, que em sua própria língua tenha já impressa toda a Escritura Sagrada, e que só a portuguesa não tenha ainda, na sua, impresso nem um só evangelho? E só ela, entre tantas, careça de um tamanho, inefável, incompreensível e salutário bem! Que seja esta nação, em tudo o demais, uma das primeiras e principais, e no que, sobretudo, mais lhe importa, chegue a tanta miséria, que ela só venha a ser a última e ínfima! Que todas as outras dêem entrada e abram os olhos a esta divina luz, e que só esta, tão pertinazmente, lhe resista e se lhe oponha!<sup>12</sup>

Em seguida, vemos João Ferreira de Almeida tratando do seu propósito pessoal de tradução da Bíblia em português – trabalho por ele iniciado já em 1642, ano de sua conversão ao cristianismo reformado, contando com apenas quatorze anos de idade –, dando-lhe todo o significado espiritual e sagrado, que desejamos enfatizar nesse momento:

[Por enquanto], vos podeis servir e ajudar da versão castelhana [da Bíblia], uma das melhores que, até o presente, tenha saído à luz, [...] até que, mediante o divino favor, acabe de alimpar, e bem conferir com o texto original, uma tradução do Novo Testamento que, já vai por alguns anos, tenho preparada. E, o mais presto que puder, pretendo fazer sair à luz. Como também (dando-me Deus, nosso Senhor, vida, tempo e saúde), com todas minhas forças, ainda que bem poucas (que, enfim, quando os homens calam, faz Deus que as pedras falem), espero, em poucos anos, fazer o mesmo com o Velho [Testamento], e dar-vos, assim, em breve, toda a Escritura Sagrada em vossa própria língua. Que é a maior dádiva, e o mais precioso tesouro, que nunca ninguém, que eu saiba, até o presente, vos tenha dado.<sup>13</sup>

É possível, portanto, perceber que, tentar reduzir a compreensão histórica do processo de formação dessa primeira tradução completa dos textos bíblicos em língua portuguesa aos seus aspectos sociais, literários ou políticos, por exemplo, constituiria indevida simplificação da matéria, desviando o objeto analisado de seu aspecto central: os conflitos religiosos a ele subjacentes e, portanto, circunscritos ao domínio autônomo da perspectiva histórico-religiosa. Em outros termos, intentamos demonstrar como a compreensão histórica desse processo não poderá ser atingida senão sob uma perspectiva histórico-religiosa, ou seja, que confira aos fatos religiosos a irredutibilidade necessária à compreensão de processos tão complexos. Por conseguinte, a tradução das Escrituras Sagradas do cristianismo por João Ferreira de Almeida, sendo compreendida como um acontecimento eminentemente religioso – e não simplesmente literário, filosófico, moral, político, etc. – deverá ser analisada, neste caso, historicamente, como uma resposta “religiosa” a uma conjuntura “religiosa”.

Essa postura teórica advém, por seu turno, dos pressupostos metodológicos delineados pelos autores da chamada Escola Italiana de História das Religiões, cujo momento fundante é a publicação, em 1925, do primeiro número da revista *Studi e*

*Materiali di Storia delle Religioni*, sob a direção do historiador das religiões italiano Raffaele Pettazzoni (1883-1959). Essa perspectiva, histórico-religiosa, propõe, por um lado, o desenvolvimento da disciplina História das Religiões enquanto domínio autônomo no campo historiográfico – isto é, não como tema subsidiário da História Social, Econômica ou Cultural, por exemplo –, com o fim de proporcionar a devida complexificação da matéria. Por outro lado, os seus autores defendem a necessidade de trabalhar historicamente não apenas o objeto “religioso” em si, mas também, e sobretudo, as próprias categorias epistemológicas utilizadas pelo historiador na construção de sua análise.<sup>14</sup>

No tocante aos nossos escritos polemistas em foco, no que tange à sua particularidade histórica, pode-se notar que o contexto espacial em que esses conflitos tomaram corpo (as então chamadas “Índias Orientais”) incidiu sobre eles de forma expressiva, tornando-os singulares em termos doutrinários, literários e missiológicos. A proximidade geográfica desse choque doutrinal em relação à alteridade cultural do Oriente luso-holandês e suas circunvizinhanças (especialmente em relação aos povos nativos da ilha de Java, de Ceilão, da Índia, da China e do Japão) parece ter levado os contendores religiosos europeus a compreendê-la – após absorverem *sub specie religionis* as culturas locais, ou seja, interpretá-las de acordo com seu particular código ocidental de “religião” – pelo prisma privilegiado do embate doutrinário no qual estavam de todo inseridos. Nessa conjuntura delicada, teriam sido produzidos não somente os escritos polemistas já delineados, mas também a própria tradução pioneira da Bíblia em língua portuguesa.

Nesse contexto, os religiosos católicos e protestantes devem ter protagonizado uma verdadeira transformação simbólica das culturas locais, traduzindo-as e instrumentalizando-as para reafirmar e readequar suas posições teológicas preestabelecidas em suas respectivas ortodoxias. No tratado sobre a *Diferença d'a Christandade*, por exemplo, João Ferreira de Almeida equipara as cerimônias católicas aos ritos chineses e japoneses, reduzindo-os ambos à mais “pura gentildade” e a “uma mera, abominável e gentílica idolatria”.<sup>15</sup> De maneira mais expressiva, afirmava que, “quem for à China e ao Japão, pode bem coligir



*quão grande conveniência tenha a missa com as cerimônias e superstições ridículas e idolátricas daquelas partes, e de toda a demais gentilidade*".<sup>16</sup> Por fim, reafirmando sua comparação depreciativa, o tradutor calvinista se referia ao "tão notório e abominável exemplo de Dom Vasco da Gama e seus companheiros, quando foram a descobrir a Índia":

pois entrando em Calicute num pagode dos gentios, se ajoelharam e adoraram aos ídolos que nele estavam, cuidando que eram imagens a seu modo, ou, para melhor dizer, ídolos à romanesca, tanta é a semelhança que entre uns e outros há, e tanta a conformidade entre as cerimônias e superstições gentílicas e as romanas [...]. A mesma semelhança se acha também entre a uma e a outra idolatria, assim dos infiéis gentios, como dos cegos e pertinazes papistas, entre os ídolos de uns e de outros, e o modo e maneira de os adorar, servir e festejar; assim em Europa, como em ambas as Índias, Orientais e Ocidentais. E o mesmo engano tem também sucedido a outros muitos portugueses e mais papistas em semelhantes ocasiões, particularmente na China e no Japão, aonde a semelhança é tanta, que a muitos faz ficar atônitos.<sup>17</sup>

Assim, a alteridade cultural do Oriente parece ter encontrado um lugar epistemológico específico no conflito religioso subjacente à tradução da Bíblia em língua portuguesa. Do lado católico, da mesma forma, Jerônimo da Siqueira, em sua *Carta Apologética* contra João Ferreira de Almeida, fazia referências ignominiosas ao Islã, comparando repetidas vezes o tradutor calvinista ao seu profeta Maomé (chamando-lhe Mafoma). No final de seu texto, Jerônimo de Siqueira estabelece um paralelo entre a biografia do profeta do Islã e a trajetória de Almeida, desde seu nascimento até a renegação da fé católica:

Porque o vejo na vida mui semelhante a Mafoma. Porque, se Mafoma foi precursor do anticristo, João Ferreira foi o que seus passos seguiu muito ao claro. [...] Aquele, amigo leitor, foi Mafoma; este é João Ferreira. Aquele, legislador da mais infame seita, e este, predicante da nefanda religião calvinística.<sup>18</sup>

As culturas locais, interpretadas *sub specie religionis* pelos contendores religiosos europeus, teriam sido por eles reduzidas ao seu próprio universo religioso conflitivo, para, em seguida, serem traduzidas enquanto alvos privilegiados da atividade missionária reformista e contra-reformista, de acordo com as próprias

especificidades de cada uma delas. Nesse contexto, portanto, a construção cognitiva européia da alteridade cultural das Índias Orientais parece ter sido forjada sob o signo religioso da Cristandade em choque doutrinal, fazendo assim com que as culturas outras, a princípio ininteligíveis às categorias de análise disponíveis à cultura ocidental, fossem sendo traduzidas, nessa conjuntura de embates religiosos, em elementos estrategicamente inteligíveis e, por fim, subsidiários de um debate teológico-cristão anterior e por ele alvejado missiologicamente. Nessa perspectiva, presumimos que essas situações dialógicas culturais, inerentes ao contexto de elaboração da primeira tradução da Bíblia em língua portuguesa, são elementos-chave para proporcionar sua efetiva compreensão histórica.

Cumpre-nos ressaltar, por fim, que a compreensão desse processo histórico de tradução pioneira das Escrituras cristãs em língua portuguesa, a partir de uma análise acurada da documentação relativa ao seu contexto específico de produção, só poderá ser realizada por meio de um “alargamento” da visão histórica, com base numa melhor inclusão teórica desse objeto de pesquisa nas problemáticas singulares do domínio histórico-religioso. A existência de especificidades naquele embate doutrinário católico-protestante, decorrentes da sua proximidade com a alteridade cultural específica das Índias Orientais seiscentistas, deverá ser elevada a um novo patamar analítico, de modo que seja possível identificar – ainda que, por enquanto, conforme expresso neste artigo, apenas preliminarmente – não apenas o seu valor de homogeneidade no âmbito da história das religiões, mas também, e acima de tudo, sua particularidade enquanto processo religioso singular, decorrente de sua ocorrência em um contexto histórico e cultural particularizado.

### Referências Bibliográficas

AGNOLIN, Adone. O debate entre história e religião em uma breve história da História das Religiões: origens, endereço italiano e perspectivas de investigação. **Projeto História**, São Paulo, n. 37, jul. 2008, p. 13 – 39.

ALVES, Herculano. **A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida**. Lisboa: Sociedade Bíblica, 2007.

AZEVEDO, Pedro de. O calvinista português, Ferreira de Almeida. **Boletim de Segunda Classe da Academia de Ciências de Lisboa**, vol. XII, fasc. 2, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919.

BARATA, António da Costa. João Ferreira de Almeida: o homem e a sua obra. **Imago Dei**, n. 7, 1.º semestre, 2003/04.

BOXER, Charles. **O império marítimo português**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERREIRA, Guilherme Luís Santos. **A Bíblia em Portugal**: apontamentos para uma monografia (1495 - 1850). Lisboa: Tipografia de Ferreira de Medeiros, 1906.

LOPES, David. **Expansão da Língua Portuguesa no Oriente**. Lisboa: Aliança Nacional das A.C.M.s de Portugal, 1979.

MASSENZIO, Marcello. **A história das religiões na cultura moderna**. São Paulo: Hedra, 2005.

MATOS, Manuel Cadafaz de (ed.). **Uma edição de Batávia em português do último quartel do século XVII**. Lisboa: Edições Távola Redonda, 2002.

MOREIRA, Eduardo. **O Defensor da Verdade**: João Ferreira de Almeida, o primeiro tradutor da Bíblia em língua portuguesa. Lisboa: Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, 1928.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha. João Ferreira de Almeida e a sua Tradução Portuguesa da Bíblia. **O Chronista de Tissuary**, periódico mensal, vol. I, n. 3, Março, Nova Goa: Imprensa Nacional, 1866.

SANTOS, António Ribeiro dos. Memórias sobre algumas traducções, edições bíblicas menos vulgares em língua portuguesa, especialmente sobre as obras de João Ferreira de Almeida. In: **Memórias de litteratura portugueza**, Tomo VII. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1806.

SILVA, Inocêncio Francisco da. **Dicionário bibliográfico português**, III, Lisboa, 1859.

---

<sup>1</sup> Fac-símile da segunda edição disponível em MATOS, Manuel Cadafaz de (ed.). **Uma edição de Batávia em português do último quartel do século XVII**. Lisboa: Edições Távola Redonda, 2002.

<sup>2</sup> Sobre esse fenómeno linguístico, Charles R. Boxer aponta que, “*uma vez que a expansão da Europa foi iniciada pelos portugueses, a língua portuguesa (ou uma adaptação dela) tornou-se a língua franca da maioria das regiões costeiras que eles abriram ao comércio e aos empreendimentos europeus em ambos os lados do globo. Por ocasião do confronto com os holandeses, a língua portuguesa já criara raízes demasiado profundas para ser erradicada, mesmo nos domínios coloniais em que os holandeses tentaram substituí-la*”. BOXER, Charles. **O império marítimo português**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 140. Sobre este mesmo assunto, cf. LOPES, David. **Expansão da Língua Portuguesa no Oriente**. Lisboa: Aliança Nacional das A.C.M.s de Portugal, 1979.

<sup>3</sup> Sobre a primazia de João Ferreira de Almeida na tradução da Bíblia para a língua portuguesa, cf. SANTOS, Antônio Ribeiro dos. "Memórias sobre algumas traducções, edições bíblicas menos vulgares em lingua portuguesa, especialmente sobre as obras de João Ferreira de Almeida". In: **Memórias de litteratura portugueza**, Tomo VII. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1806, p. 17-59; SILVA, Inocência Francisco da. **Dicionário bibliográfico português**, III, Lisboa, 1859, p. 368-372.

<sup>4</sup> O NOVO TESTAMENTO, isto he, Todos os Sacro Santos Livros e Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto de nosso Fiel Senhor Salvador e Redemptor IESU CHRISTO. Agora traduzido em Portugues Pelo Padre João Ferreira A d'Almeida, Ministro Pregador do Sancto Evangelho. Em Amsterdam: Por viuva de J. V. Someren. Anno 1681. Exemplar disponível na Biblioteca Nacional de Portugal.

<sup>5</sup> SIQUEIRA, Hieronymo. **Carta Apologetica** em defenção da Religião Catholica Romana contra João Ferreira de Almeida, predicante da secta calvinista, feita em Bangalla pello muito Reverendo Pe. Hieronymo de Siqueira, Portugues Theologo Pregador. Anno? 1670. [manuscrito] Exemplar existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

<sup>6</sup> CASTELNOVO, João Baptista Morelli de. **Luzeiro Evangelico**, Que mostra à todos os Christãos das Indias orientais o caminho vnico, seguro, & certo da recta Fè, para chegarem ao porto da salvação eterna... Escrita em S. Thome da India orientais. Anno de 1708 & impressa em Mexico, Cidade da India occidental. Anno de 1710. Exemplar disponibilizado pela Biblioteca Mário de Andrade.

<sup>7</sup> Destacam-se, neste caso, os trabalhos de FERREIRA, Guilherme Luís Santos. **A Bíblia em Portugal**: apontamentos para uma monografia (1495 - 1850). Lisboa: Tipografia de Ferreira de Medeiros, 1906; MOREIRA, Eduardo. **O Defensor da Verdade**: João Ferreira de Almeida, o primeiro tradutor da Bíblia em língua portuguesa. Lisboa: Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, 1928; BARATA, António da Costa. João Ferreira de Almeida: o homem e a sua obra. **Imago Dei**, n. 7, 1.º semestre, 2003/04.

<sup>8</sup> Os principais trabalhos que se enquadram nessa vertente são: SANTOS, Antônio Ribeiro dos. op. cit.; SILVA, Inocência Francisco da. op. cit.; RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha. João Ferreira de Almeida e a sua Traducção Portugueza da Bíblia. **O Chronista de Tissuary**, periódico mensal, vol. I, n. 3, Março, Nova Goa: Imprensa Nacional, 1866; AZEVEDO, Pedro de. O calvinista português, Ferreira de Almeida. **Boletim de Segunda Classe da Academia de Ciências de Lisboa**, vol. XII, fasc. 2, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919; MATOS., op. cit.; LOPES, op. cit.; ALVES, op. cit.

<sup>9</sup> O principal resultado de suas pesquisas foi recentemente publicado no Brasil. cf. SWELLENGREBEL, Jan Lodewig; HALLOCK, Edgar F. (ed.). **A maior dádiva e o mais precioso tesouro**: a biografia de João Ferreira de Almeida e a história da primeira Bíblia em português. Rio de Janeiro: JUERP, 2000.

<sup>10</sup> ALMEIDA, João Ferreira de. **Diferença d'a Christandade...** p. 19. In: MATOS. op. cit.

<sup>11</sup> ALMEIDA, op. cit., p. 10.

<sup>12</sup> Id. Ibid., p. 25-26.

<sup>13</sup> Idem, p. 26-27, grifo nosso.

<sup>14</sup> Outros representantes dessa perspectiva, juntamente com Pettazzoni, são, primeiramente, Angelo Brelich e Ernesto De Martino, bem como, mais recentemente, Dario Sabbatucci, Nicola Gasbarro, Marcello Massenzio, Vittorio Lanternari e Gilberto Mazzoleni. No Brasil, destacam-se nessa metodologia os professores Adone Agnolin (USP) e Maria Cristina Pompa (UNIFESP). Para uma visão global dos fundamentos teóricos da Escola Italiana de História das Religiões, cf. MASSENZIO, Marcello. **A história das religiões na cultura moderna**. São Paulo: Hedra, 2005 e AGNOLIN, Adone. O debate entre história e religião em uma breve história da História das Religiões: origens, endereço italiano e perspectivas de investigação. **Projeto História**, São Paulo, n. 37, jul. 2008, p. 13-39.

<sup>15</sup> Idem, p. 94, Nota.

<sup>16</sup> Id. p. 75, Nota.

<sup>17</sup> Id. p. 94-95.

<sup>18</sup> SIQUEIRA, op. cit., p. 148-149.